



VI Simpósio Nacional de HISTÓRIA CULTURAL

Escritas da História: Ver - Sentir - Narrar

SEMANA MÉDICA: EUGENIA E EDUCAÇÃO HIGIÊNICA NA PARAÍBA (1927)

Azemar dos Santos Soares Júnior*

Os maiores sábios mundiais são hoje adeptos da eugenia e toda a ciência biológica na actitude de ancilla, presta obedientemente seus cabedaes a ciência do aperfeiçoamento phisico, moral e intelectual da espécie humana. Os *crédos* eugênicos são de presente verdadeiros *crédos sociaes*, porque se empenha um combate de um sem-número de cientistas interessados no futuro da humanidade.¹

1

O trecho acima revela um saber médico e científico divulgado no início da década de 1920. Um conhecimento associado a uma espécie de “religião” que corria feito rastro de pólvora pelo mundo afora. O aperfeiçoamento “phisico, moral e intelectual” era o debate que estava em voga. Uma campanha educativa começava a ganhar espaço nas páginas dos jornais, nas revistas especializadas – ou não - em medicina, nos boletins do ensino público e no discurso individual dos médicos que se dedicavam à saúde pública e aos cuidados com o corpo. Era uma consequência da atuação eugênica que começava a ganhar espaço na cidade da Parahyba, no Brasil e em boa parte do mundo.

* Doutorando pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade de Brasília e Mestre pela Universidade Federal da Paraíba. Atualmente é professor da Universidade Estadual da Paraíba.

¹ *Era Nova*, 16 mai. 1921.

Na documentação pesquisada, as primeiras notícias sobre a eugenia na Paraíba datam da década de 1920, mas nos estados do sudeste brasileiro já era uma realidade debatida uma década antes. No momento em que se dá início a uma série de mudanças nos padrões de higiene do país, a eugenia importada da Europa vê no Brasil um terreno fértil para atuação de sua ciência, ganhando a aceitação de médicos e intelectuais. Na cidade da Parahyba, particularmente, vai ser decisiva para a mudança na forma de conceber a prática higiênica, abolindo o antigo modelo de polícia sanitária e implantando outro modelo, agora, educativo.

Dessa forma, destaco nesse artigo, a importância de discutir a eugenia como responsável pela mudança na forma de divulgar a higienização da cidade, dos espaços e dos corpos. A *educação hígida* era a grande promessa da *Comissão de Profilaxia Rural*, da *Sociedade de Medicina e Cirurgia* e dos médicos preocupados com a higiene. Assim, busquei seguir os caminhos propostos pela eugenia em alguns países para entender como, em determinados momentos, buscou-se criar o super-homem, vestir os trajes da monstruosidade ou, simplesmente, lançar as bases de um novo modelo educacional, como ocorreu na Paraíba.

No Brasil, o tema foi muito discutido, em especial no início do século XX, porém aplicado de uma forma diferente daquela posta em prática em países como a Inglaterra e a Alemanha, que apresento mais adiante. Porém, segundo Nancy Stepan, o Brasil foi

o primeiro país do continente sul-americano a desenvolver um movimento eugênico organizado, contrariando qualquer interpretação reducionista que considerasse o Brasil como periferia para o conhecimento científico e um mero consumidor de teorias estrangeiras (STEPAN, 1990, p. 111).

Para melhor entender a eugenia, optamos por esboçar um breve histórico. Essa discussão é pertinente para entender como no Brasil a eugenia vai se aproximar do higienismo e contribuir para a difusão não apenas do clareamento da população, mas por uma revolução sanitária e de higienização do corpo. Clarear não possui apenas o sentido de embranquecer a população, mas o de higienizar os corpos, limpar a indumentária que protege e assear as diversas partes desse retalho chamado corpo.

Em São Paulo, na década de 1920, os médicos eugenistas promoveram um concurso intitulado “A criança eugênica”. Nesse evento, “apreciavam nos candidatos não somente as enfermidades físicas como também mentais, sendo necessário para a classificação que fosse ‘perfeita e sadia a constituição do candidato e seus antepassados’” (MARQUES, 1994, p. 47). Essa prática assegurava uma preferência pela observação dos caracteres hereditários – biológicos – que eram levados em consideração para a perpetuação do legado dito “perfeito”, afinal, “se a criança do futuro tem o direito de crescer em um ambiente saudável, isto implica que o Estado tem o dever de evitar a procriação daqueles que não podem garantir essas condições para seus filhos” (BIZZO, 1995, p. 29). Eram as práticas reguladoras sobre o corpo social que começavam a circular pelo Brasil.

O conceito de eugenia é inglês. Data da segunda do século XIX, momento em que Francis Galton² inaugura “a busca pela melhoria da raça humana sob o ponto de vista biológico” (DIWAN, 2007, p. 37). Nascido na cidade de Birmingham, na Inglaterra, e pertencente a uma família de aristocratas, Galton dedicou sua vida ao desenvolvimento de técnicas biométricas capazes de melhorar o gênero humano. Lança a proposta de sua “religião”, a eugenia, com a publicação do estudo estatístico da distribuição do talento nas populações: *Hereditary Genius*. Esse livro “se tornará a obra mais conhecida e difundida entre as obras de Galton [...] a idéia fundamental é que o talento é hereditário e não resultado do meio ambiente” (DIWAN, 2007, p. 40).

A eugenia foi criada como uma ciência que

visivelmente atendia às demandas sociais britânicas para a promoção do bem-estar da população, até 1901 a eugenia não conseguiu atrair muita atenção apesar dos esforços de Galton que publicou a revista “Biometrika”, discutindo temas como técnicas estatísticas, herança humana e eugenia (ROSA, 2005, p. 29).

² Francis Galton foi o primeiro a usar a palavra eugenia. Tratava-se de um cientista diletante que, na primeira metade de sua vida, contribuiu com seus estudos para a geografia, a meteorologia e aperfeiçoou a aplicação de métodos estatísticos. Galton era um colecionador obsessivo de dados, classificando-os, organizando-os, mensurando e tabulando, mantendo um grande interesse pela precisão dos dados produzidos e inovando os métodos estatísticos. Contudo, seu interesse mudou em certa altura de sua vida, voltando-se para o estudo da hereditariedade e motivando-se ainda mais com a divulgação da teoria da evolução de Charles Darwin, seu primo, porque este discutia a origem das variações das espécies e investigava de que forma estas variações eram transmitidas para as gerações seguintes. Ver: *Quando a eugenia se distancia do saneamento* (ROSA, 2005).

Começava uma corrida pelos “bem nascidos”, pelos corpos perfeitos, filhos de uma elite financeira, intelectual, educada. Os países passaram a ver na eugenia uma forma de controlar homens e mulheres na busca de alcançar novas formas de bem viver, de forma industrializada e cientificamente avançada. Era uma forma de controlar a demografia e eliminar da sociedade os feios, sujos e defeituosos através da segregação. Essas práticas foram aplicadas de formas distintas de acordo com os interesses das nações.

As ideias discutidas nos eventos promovidos pelas sociedades de eugenia espalhadas pelo mundo facilmente adentraram as portas do Brasil, em especial porque o tema em voga dentre os médicos, advogados e intelectuais era a nacionalidade com base nas questões biológicas e sociais. Para Vera Regina Beltrão Marques, no Brasil

as idéias eugênicas teriam chegado, num primeiro momento, classificadas como “temas culturais” e encontrariam terreno fértil, uma vez que viriam ao encontro das preocupações de nossos intelectuais, tanto no que diz respeito a definição de povo brasileiro, quanto a do país como nação (MARQUES, 1994, p. 92).

4

Almejava-se debater questões como raça para uma melhoria da população brasileira, fazendo com que alguns médicos postulassem a exigência de uma legislação que tornasse obrigatória a realização do exame pré-nupcial e, caso fossem detectadas doenças contagiosas como sífilis e tuberculose, se proibisse imediatamente o casamento. Com a intenção de propagar uma eugenia para a melhoria progressiva da nacionalidade brasileira, foi que em 15 de janeiro de 1918, no “salão nobre da *Santa Casa de Misericórdia*, onde já se reunia a *Sociedade de Medicina e Cirurgia*, foi inaugurada a *Sociedade Eugênica de São Paulo*” (MARQUES, 1994, p. 53). Estudando

as leis da hereditariedade, esmiuçando as questões da evolução e descendência, tirando desses conhecimentos as bases aplicáveis a conservação e melhoria da espécie humana [...] serão discutidas as questões relacionadas a influencia do meio, do estado econômico, da legislação dos costumes, do valor das gerações sucessivas e sobre as aptidões físicas, intelectuais e morais, sempre tirando dessas discussões idéias mais palpáveis desta agremiação [...] um dos fins, de resultados higiênicos, que o tirem da ignorância, no que se refere aos vícios sociais e as doenças infecciosas (MARQUES, 1994, p. 53-54).

A regulamentação da imigração, a retiradas dos indesejados – loucos, deficientes, tuberculosos, prostitutas – eram pontos de debate, assim como os estudos da

hereditariedade, da educação moral e higiênica. É à educação higiênica que alguns médicos vão dedicar-se, alegando eugenzar os brasileiros do interior por meio de campanhas em prol do saneamento, combatendo, assim, as doenças e a alta mortalidade. Era o que pregava, por exemplo, Belisário Pena, alegando a precariedade do saneamento do Brasil, bem como as pobres condições de vida e saúde dos habitantes do território brasileiro. Alguns estudiosos passaram a afirmar que:

Em condições sanitárias precárias [...] manuais de higiene de finais dos anos 10 e início dos anos 20 continuam dedicados à nova ciência; ademais, as péssimas condições sanitárias da metrópole brasileira já tinham sido motivo de retaliações econômicas pelos mercados consumidores internacionais [...] porto sujo e suspeito, os transatlânticos, apavorados com a terra da febre amarela (MARQUES, 1994, p. 55).

Não era apenas na capital do país que a falta de higiene se detectava. Em 1916, Belizario Penna e Arthur Neiva, após sua viagem aos estados de Goiás, Bahia, Pernambuco e Piauí – especificamente ao interior desses estados – fizeram a seguinte afirmativa: “era preciso que tivéssemos um povo, e o que tínhamos não era um povo, mas um estrume dum povo que ainda há de vir” (NEIVA & PENNA, 1918, p. 198). A expressão revelava a triste condição de saúde e higiene desses lugares que além de estarem distantes da “civilização”, eram assolados pela seca e pelas epidemias.

Os corpos dos brasileiros deveriam ser hígidos, limpos, como se fossem roupas sujas que a todo custo precisam ser higienizadas. Essa eugenia era sugestão de Renato Kehl³ ao decretar que a nacionalidade brasileira só embranquecerá a custa de muito sabão e coco ariano. Os eugenistas deveriam agir com uma imagem de limpeza: esfregando, torcendo, branqueando os corpos de homens e mulheres. É válido ressaltar que a constatação, por parte dos europeus, da impossibilidade de progresso do Brasil em virtude da sua composição racial fez nascer, na intelectualidade brasileira, a necessidade de formar um conhecimento sobre o país. É nesse momento que o Positivismo começa a inspirar esses pensadores. A escola positivista divulgava uma sociedade sob o ponto de vista racional, funcionando como uma máquina, disciplinando a República recém

³ Renato Kehl foi o maior propagandista da eugenia brasileira, inspirando diversos médicos que se envolveram fervorosamente em defesa da pureza da raça e da limpeza no Brasil, defendendo políticas compulsórias como restrição a imigração, a esterilização e o controle de casamentos. Ver: *Raça pura* (DIWAN, 2007)

instalada e galgando controlar a “urbanização explosiva e a disseminação das classes perigosas que transformaram as grandes cidades brasileiras” (FERLA, 2009, p. 51).

Para a realização das transformações, ou melhor, de uma higienização no povo brasileiro, nas cidades e em seus corpos, foram criadas a *Liga Pró-Saneamento* e a *Sociedade Eugênica*, a *Liga de Higiene Mental*, além de diversas outras instituições que, incomodadas com a questão da miscigenação, acabaram por pregar formas de higiene relacionadas ao corpo, seja para a exclusão ou mesmo para formar novos admiradores da deusa Higiia⁴.

A união entre eugenia e higienismo começava a ser posta em prática no Brasil e não tardaria a chegar à Paraíba, principalmente por possuir espaços inteiros a serem higienizados, como também o desejo de iniciar outra forma de conduzir os preceitos sanitários. Os preceitos médicos higiênicos na cidade da Parahyba eram ditados pelos profissionais ligados aos órgãos da saúde pública, formando “um pequeno zoológico de saber médico que tinha, sob seus cuidados, espécimes dos mais variados: loucos, assassinos, mendigos, asilados, leprosos⁵”. As instituições médicas acentuam suas posições enquanto formadoras de um saber médico sanitário, divulgam novas práticas relacionadas à saúde pública, à higiene corporal e buscam métodos de disciplinar a população. É nesse sentido que a *Sociedade de Medicina e Cirurgia da Paraíba* começa a se aproximar da discussão sobre eugenia.

A Sociedade passou, a partir de sua fundação, a realizar eventos para debater os assuntos pertinentes à profissão, às novas teorias vindas da capital do país, bem como às formas de conduzir a higiene pública. A primeira *Semana Médica* foi uma dessas manifestações que uniu uma “comunhão de crentes, confundidos pelo mesmo ideal, que se reúnem para atuar sobre o sentimento e a imaginação do seu povo [...] como índice de uma formosa evolução espiritual” (CASTRO, 1934, p. 223).

⁴ Filha do deus grego da medicina, Asclépio, a deusa Higiia é a “personificação da saúde”, encarregada de cuidar da saúde e higiene dos indivíduos. Ela é representada, muitas vezes, pela figura de uma jovem sentada num trono coroada de ervas medicinais, com uma pátera na mão direita e uma serpente na mão esquerda. Ver: *Dicionário mítico-etimológico* (BRANDÃO, 1999); *Mitologia grega e romana* (COMMELIN, 2008).

⁵ *A Imprensa*, 05 fev. 1924.

O início do mês de maio de 1927 anunciava os preparativos da Semana Médica, que teve a organização do médico Flávio Maroja. Entre os quentes dias de 03 a 09 do quinto mês do ano, pela primeira vez, uma boa quantidade de médicos se reuniu para discutir temas fortemente ligados à saúde. Já fazia “quase um ano que se anuncia o trabalho ativo da *Sociedade de Medicina da Paraíba*, para a realização da *Semana Médica*, que hoje auspiciosamente, se inaugura” (CASTRO, 1934, p. 223). Ou seja, mesmo antes da criação da Sociedade, Flávio Maroja já postulava a realização do que ele mesmo chamou de “ensaio onde os seus vãos não seriam longos, mas nítidos e luminosos”.

Em sua fala de abertura da *Semana Médica*, Oscar Oliveira de Castro afirmava que a

ciência marcha em progressão geométrica; cada dia novos feitos justificam outros, que se multiplicam, na medicina como na higiene, na feliz expressão de um sanitarista americano, enquanto a medicina curativa examina ao microscópio, a medicina preventiva examina ao telescópio (CASTRO, 1934, p. 225).

A medicina preventiva passava a ser incluída na proposta dos médicos paraibanos, “deixando penetrar neste estonteamento de luz, levando, com o nosso esforço, o nosso concurso pela saúde da raça” (CASTRO, 1934, p. 226). Esse tipo de medicina preventiva foi utilizada através da propaganda realizada pela *Comissão de Profilaxia Rural*. Divulgar uma nova forma de conduzir a higiene pública era reforçar as obrigações médicas e, acima de tudo, conscientizar a população por meio de uma educação hígida. Porém, de antemão, já se advertia: “Não é fácil tarefa inculcar no espírito de nossa gente, arraigada a uns tantos hábitos condenáveis, que vêm de longe, que se originaram no berço, a idéia da ‘consciência sanitária’” (MAROJA, 1927, p. 7).

Flávio Maroja pretendia adotar, na cidade da Parahyba, um modelo norte americano de eugenia e higienização, o que não é de todo verdade quando se observa a prática. Ora, nos Estados Unidos, as formas de aplicação da doutrina eugênica assumiam características radicais, como as citadas anteriormente, mas vale afirmar no seu discurso o que está em voga. Nesse momento, os Estados Unidos começavam a apontar como uma potencia mundial, responsável por uma forte industrialização e um bom modelo de “civilização” a se seguir. Deve-se levar também em consideração a

influência dos padrões de moda, estéticos e de cinema que, nos anos seguintes, passam a ser ditados pelos norte americanos. Era de bom tom divulgar as boas notícias estadunidenses relacionadas ao avanço científico e tecnológico e à organização de suas entidades eugênicas. Como se confere na passagem abaixo:

As experiências e as realizações práticas norte-americanas, que ao nosso conhecimento chegam através de instructivas leituras que temos feito sobre o empolgante assumpto acentuam que a propaganda sanitária tem sido utilizada nos Estados Unidos, em todos os grandes movimentos, pela Saúde Pública: lucta contra as doenças venéreas, combate a tuberculose e ao câncer, cruzada em favor da hygiene infantil, campanhas de hygiene industrial (MAROJA, 1927, p. 7-8).

A divulgação das benfeitorias não parava por aí, o sanitarista prosseguia dizendo que

educação e propaganda sanitárias têm conseguido entre os americanos do Norte o que legislação e a administração não lograriam conquistar. Isto é fácil compreender porque é sabido que em toda a parte, disposições legislativas e providências administrativas são quase sempre, recebidas com desgosto e não raro com resistência, enquanto que folhetos de propagandas conferências e demonstrações práticas sobre o valor de médicos que tenham por fim o bem estar e a saúde do povo, não sofrem objeções e são acolhidas com todo interesse e atenção (MAROJA, 1927, p. 8).

Na citação, percebe-se que Flávio Maroja considera os folhetos, conferências e demais propagandas como excelentes meios de divulgação dessas novas medidas higienistas, que foram bem acolhidas, segundo o autor, pela população dos Estados Unidos, cuja sociedade era apresentada como uma referência de civilização moderna, que já havia atingido bons níveis de desenvolvimento higiênico, portanto, deveria ser um modelo a seguir.

Mostra-se uma preferência pela conscientização via folhetos, propagandas e discursos na composição de uma educação hígida em vez de imposições administrativas em atitudes concretas ou criação de leis. Fica subentendido que nos Estados Unidos a população estava preparada e preferia uma educação higiênica ao invés de imposições do Estado. Será que na cidade da Paraíba a população também estava preparada para tal empreitada? Seria pouco seguro afirmar categoricamente. O que mais importa nesse momento é a certeza, por parte dos médicos, de que não adiantava mais manter a antiga

forma de atuação sanitária – a polícia sanitária -, pois seus resultados já não surtiam efeitos. É certo que as estratégias eugênicas formuladas na capital da Paraíba advindas do campo de atuação da higiene “deveriam estar de acordo com aquelas adotadas por outros países, que tinham uma ação teórica e prática, como por exemplo, os Estados Unidos” (MOTA, 2003, p. 43).

Os médicos eram, assim, os profissionais responsáveis pelos estudos da higiene, conhecendo seus principais problemas e os focos primordiais na atuação da educação sanitária, especialmente numa sociedade composta por “profunda e lamentável ignorância, sobretudo, nas baixas classes em matéria de hygiene pública, doméstica e individual” (MAROJA, 1927, p. 9). Considerava-se tais classes como um grupo social que desconhecia completamente o perigo da água poluída que bebia, dos alimentos deteriorados que ingeria, do solo contaminado que, com pés descalços, pisava, da falta de limpeza corporal, seja pelas poucas quantidades de banho ou, mesmo, pela ausência de produtos de higiene individual, bem como desconhecia “inteiramente o perigo do beijo, o perigo da convivência com os portadores de moléstias infecto contagiosas, e só com muito esforço chegariam a se convencer de que a tuberculose se transmite por fontes seguras de contato” (MAROJA, 1927, p. 8).

O perigo também estava presente nos insetos que circulavam livremente pelas ruas, casas, mesas e corpos. Moscas, mosquitos e insetos dividiam os espaços com os corpos dos homens. Outros bichos dividiam inclusive o mesmo corpo ocupado por homens e mulheres, no caso dos conhecidos bichos de pé. Esses animais repugnantes eram transmissores de germens patogênicos, e a ausência de conhecimento da população, segundo Flávio Maroja, chega a ser tanta que “fica-lhes, talvez, no espírito, um resquício de dúvidas, que afinal se dissiparão, como os exemplos apresentados e discutidos sobre sua ignorância e vibrados sobre sua descrença” (MAROJA, 1927, p. 9).

Diante dessa falta de saber, foi sugerido, na *Semana Médica*, que os higienistas e sociólogos divulgassem a idéia da *Educação Sanitária* nos espaços coletivos, a começar pelas escolas, pois nesses ambientes “opinam a maioria dos propagandistas, que sejam realizadas as palestras, ou conferências sanitárias, ou melhor, palestra de prevenção” (MAROJA, 1927, p. 10). Das escolas, poderia se esperar produzir os frutos

dessa campanha. O médico sanitarista Amarílio de Vasconcelos, em seu pronunciamento sobre a conscientização da higiene nas escolas em 1927, afirmou que

A escola e não a fábrica é lugar próprio para fazer a educação higiênica, ali é possível ensinar com proveito, no momento oportuno, como se evitam as moléstias, que a grandeza de uma nação não se baseia apenas na sua riqueza e no progresso material, mas principalmente na saúde e força dos seus filhos, etc. (VASCONCELOS, 1924, p. 1).

Estendia, naquele momento, a tarefa da educação sanitária para as professoras, que, na teoria, seriam orientadas pelos médicos. Fora dos hospitais, esses profissionais tinham a “tarefa gloriosa de ir ao encontro do homem doente, ao casebre do oprimido, ainda mesmo com esforço extraordinário fazer despertar as energias na infibração de aço do nosso nordestino” (CASTRO, 1934, p. 227). Também recaía sobre esses profissionais a tarefa de orientar as boas condutas higiênicas, divulgar, por meio das propagandas nos jornais, revistas e boletins, como deveriam ser hígidos os corpos da cidade da Parahyba. A “gloriosa” tarefa de ir até os doentes e oprimidos ficou presa ao discurso, em especial num momento em que esses homens se dividiam entre o ofício da medicina, a política e as diversas instituições que lhes concediam *status* perante a sociedade. Os doentes e oprimidos continuariam assim se tivessem que esperar pela visita desses médicos.

A eugenia era recorrente na fala dos médicos, não só quando se fala em higiene, mas também nos temas biológicos e psicológicos:

Se a continuidade das gerações se une pela persistência da hereditariedade, não só no terreno somático, como no espiritual, o povo tem uma personalidade constante e firme. Esta personalidade, em sua área santa, sua força, seu tesouro, é muito mais que o solo onde está assentada a Pátria (CASTRO, 1934, p. 226).

A higienização da hereditariedade tornaria possível um grupo de homens e mulheres bem dotados, mais dispostos intelectualmente, mais brancos, mais sadios, mais hígidos. Esse tipo de personalidade, ou melhor, de cidadão, seria o futuro da Pátria: civilizada, embranquecida, higienizada, inteligente, feliz. Para isso, deveria combater fervorosamente a sentença de Miguel Pereira ao afirmar ser o Brasil uma “Pátria doente”, “um vasto hospital”. Portanto, as doenças, a imundície, os vícios que destroem o corpo e que poluem a alma deveriam ser combatidos, divulgando que a

“vigilância cuidadosa das amas e a educação da mocidade, não serão por acaso medidas que ainda requerem a atenção dos poderes públicos” (CASTRO, 1934, p. 229).

Cabia à imprensa divulgar os pontos de vista médico para combater a ignorância do povo, que oferecia resistência à ação dos poderes públicos. Os jornais publicavam o desejo dos médicos em serem os pioneiros dos costumes purificadores da higiene, responsáveis por levar os cuidados aos homens, libertando-os, assim, do estado de treva. Divulgavam serem os salvadores da Pátria: “Colegas: sei que vós sois, nas questões que interessam a vida do povo, os grandes batalhadores do seu progresso” (CASTRO, 1934, p. 232). Batalhavam pelo povo nessa cruzada da educação higiênica.

Os debates travados no ano de 1927 foram relevantes para o tema da higienização na cidade da Parahyba. A campanha da *Educação Sanitária* ganhava força, galgando espaços nos jornais, nas revistas, nas falas dos médicos, nas casas, nas escolas, nos indivíduos. Nesse sentido, a discussão sobre eugenia deu sua contribuição à constatação da triste condição sanitária e à decisão de uma nova forma de conduzir a higiene por meio da educação. A imprensa passou a ser uma aliada na tarefa de educar e formar cidadãos hígidos, que começariam a perceber os perigos causados pela imundície. Sair do estado de ignorância implicaria em adotar as práticas higiênicas propostas pelos médicos como forma de elevar o sentido de Pátria.

11

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BIZZO, Nélio Marco Vincenzo. O paradoxo social-eugênico, genes e ética. *Revista USP*, São Paulo, n. 24, pp. 28-37, 1995.

CASTRO, Oscar Oliveira de. *Medicina na Paraíba*. João Pessoa: A União, 1945.

CASTRO, Oscar Oliveira de. Discurso pronunciado na sessão inaugural da Semana Médica. In: CASTRO, Oscar Oliveira de. *Ensaios*. João Pessoa: Imprensa Oficial, 1934, pp. 221-238.

DIWAN, Pietra. *Raça pura: uma história da eugenia no Brasil e no mundo*. São Paulo: Contexto, 2007.

HITLER, Adolf. *Mein Kampf*. São Paulo: Moraes, 1983.

MAROJA, Flávio. A nossa hygiene. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico da Paraíba*, João Pessoa, n. 03, p. 433-437, 1911.

_____. Educação sanitária. In: MAROJA, Flávio. *Semana Médica*. Parahyba: Imprensa Oficial, 1927, pp. 7-12.

MARQUES, Vera Regina Beltrão. *A medicalização da raça*. Médicos, educadores e discurso eugênico. Campinas: Unicamp, 1994.

NEIVA, Arthur & PENNA, Belisário. *Viagem científica pelo norte da Bahia, sudoeste de Pernambuco, sul do Piauí e de norte a sul de Goiás*. Rio de Janeiro: Manguinhos, 1918.

ROSA, Alessandra. *Quando a eugenia se distancia do saneamento: as idéias de Renato Kehl e Octávio Domingues no Boletim da Eugenia (1929-1933)*. Rio de Janeiro, 2005, 209 p. Dissertação (Mestrado em História das Ciências da Saúde), Casa de Oswaldo Cruz – FIOCRUZ.

STEPAN, Nancy Leys. *“A hora da eugenia”*: raça, gênero e nação na América Latina. Rio de Janeiro: FIOCRUZ, 2005.